

## 8. STATUS E FUNÇÃO

### OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

*Identifique os conceitos de organização social, instituições e pessoal como aspectos de cultura. / Descreva o status atribuído e conseguido em relação à posição social. / Discuta a determinação cultural de status e função em relação ao sexo, à idade, à habilidade técnica, à riqueza, ao parentesco e ao casamento. / Explique a natureza e a função dos ritos de transição. / Que características universais de status e função são encontradas em todas as culturas? / Até que ponto as diferenças de status e função parecem ser determinadas culturalmente?*

Nos capítulos anteriores cuidamos de identificar a disciplina e as subdisciplinas da Antropologia, os conceitos básicos de Antropologia Cultural (inclusive os conceitos de cultura, sociedade e personalidade), e os processos pelos quais as culturas se modificam. Estudamos também, brevemente, o relacionamento entre a humanidade e o seu ambiente, através dos tempos e nos padrões tradicionais de conseguir alimento, do uso da terra, da habitação e dos aldeamentos. Voltamos agora para a organização da sociedade e para aquela parte da Antropologia conhecida como *Antropologia Social*, o estudo da organização e relacionamentos sociais.

### ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Por *organização social* (também chamada *estrutura social*) entendemos os modos padronizados, segundo os quais os grupos e os indivíduos são organizados e relacionados uns com os outros na entidade funcional que é a sociedade. A cultura de toda sociedade inclui um "manual" figurativo que apresenta as tarefas principais que devem ser realizadas, as definições do trabalho das pessoas-chave,

e as orientações específicas para desempenhar as funções atribuídas. As tarefas que devem ser realizadas (como valores) constituem o que Malinowski chamou a *carta das instituições sociais*. As definições do trabalho e a designação das pessoas especificadas para desempenhá-lo podem ser chamadas de *status sociais*. As diretrizes para realizar as várias tarefas podem ser chamadas *funções*.

### Instituições sociais

Uma instituição é uma rede de processos centralizados em certos interesses focais. As instituições econômicas, por exemplo, compreendem os comportamentos característicos que se centralizam na produção, na partilha e distribuição, no uso e consumo dos bens. As instituições econômicas incluem redes comportamentais de produção de alimento e de fabricação de artefatos; permuta de técnicas, comércio, venda, preempção e herança; utilização, armazenagem e consumo; e propriedade, posse e direito de uso — tudo o que se centraliza em produção e utilização de bens e serviços. As instituições maritais centralizam-se na organização de relações interse-

aquele ato estava reconhecendo o nome e assumindo a posição (...). Os porta-vozes de cada chefe convidado confirmaram o direito de Gaiqal'in ao nome e saudaram o novo chefe como a seu irmão. Afirmaram também que o incidente da ponte e outras palavras desonrosas estavam esquecidos. Citou-se muito a história da tribo durante os discursos e foram apresentados muitos cumprimentos ao artilheiro e à sua linhagem.

Foram distribuídos então entre os convidados presentes de comida e lenços. E o potlatch terminou com uma dança.<sup>23</sup>

O potlatch serve para afirmar o *status* do artilheiro; e o protocolo de sentar-se, servir a comida e distribuir os presentes representa o mesmo para os convidados. Invariavelmente, a doação dos presentes é feita em ordem de posição social. A pessoa que ocupa a posição mais elevada é chamada primeiro para se aproximar e receber a participação que lhe compete, e a chamada continua em ordem decrescente. A posição de cada pessoa com relação a cada uma das outras é determinada rigorosamente pela natureza das prerrogativas titulares ratificadas que ela possui. O simples fato de dar um potlatch não legaliza a reivindicação da pessoa ao *status*. Dá-se a legalização quando alguém é chamado para rece-

ber seus presentes, quando é convidado em outros potlatches. Só se o artilheiro o convidar para que ele se aproxime no momento permitido pela posição que ele reivindica é que sua reivindicação é legalizada.

Note-se, também, que as narrações da história da tribo reafirmam e perpetuam os privilégios institucionais da sociedade tsimshiana.

## STATUS E FUNÇÕES DE PARENTESCO E MARITAIS

O casamento é um fenômeno universal em todos os níveis de desenvolvimento cultural. Os *status* pré-marital, marital e pós-marital são, portanto, ubíquos. As funções de marido e mulher são de tal importância em qualquer sociedade que o casamento e a família são assuntos que exigem tratamento especial em capítulos à parte (Capítulos 10 e 11).

O parentesco, que consiste numa rede de funções e *status* recíprocos, é também de significação tão fundamental em todas as sociedades que também exige capítulos especiais (Capítulo 12 e 13) para exposição e análise.



FIG. 8-3 Um potlatch de índios da Costa Noroeste, por volta de 1910. (esquerda) Tudo pronto para a exibição e a distribuição de alimentos e de mantas (nos baú). (direita) Um chefe faz uma arenga diante da pilha de mantas da baía de Hudson que ele está otorgando ao seu rival. (Cortesim do Museu Americano de História Natural)

23. V. E. Garfield, *Tribution Class and Society* (University of Washington Publications in Anthropology, vol. 7, n.º 3, 1939), pp. 285-286. Com permissão de University of Washington Press.

tantíssimo clube dos homens dos ilhéus banks, exige-se pagamento de altas taxas de iniciação. Somente os homens mais ricos podem comprar os graus mais elevados. Realmente, como Lowie resumiu os dados:

Somente os ricos é que podem alcançar os mais altos graus e assim conseguir prestígio. Entretanto, a concepção aborígene não é acumular avaramente riquezas, mas exibir a própria grandeza, dando mostras de desprezo a propriedade. Assim, um homem do mais alto *status* no grupo pode ainda aumentar o seu renome, promovendo entreterimentos púlbicos, associados com certos festivais; aliás, a sugestão de mesquinhez em tais ocasiões poderia destruir a sua influência.<sup>21</sup>

## O "potlatch" dos índios da Costa Noroeste da América do Norte

Entre as tribos da Costa Noroeste, as sofisticadas distinções honoríficas de *status* eram atribuídas através da herança da família e do clã. Ao mesmo tempo, elas tinham de ser ratificadas e confirmadas por uma exibição aparatosa e pela manipulação da riqueza da maneira mais ostensivamente pomposa possível. Isto conseguiam-no em parte por meio de bastões de totem ostentosos e do *potlatch* — uma instituição sofisticada de festas acompanhadas por uma liberal distribuição de presentes pelo anfitrião e seus parentes aos hóspedes de outra linhagem ou tribo. Sua função primária era servir de demonstração dos *status* da família do anfitrião e de cada um de seus membros. Os hóspedes eram testemunhas das reivindicações dos anfitriões a certos *status*. Embora a acumulação da riqueza fosse necessária para dar a festa do *potlatch*, não era a riqueza que dava o *status*; era a posse legítima de prerrogativas honoríficas, as quais estavam ligadas a nomes específicos e títulos, que eram hereditários, mas que não podiam ser usados antes de serem recebidos publicamente num *potlatch* realizado para esta finalidade. Usar um nome que não tinha sido reconhecido oficialmente num *potlatch* era uma presunção vergonhosa, e dirigir-se a uma pessoa dando-lhe um nome que ele tinha herdado, mas que

não tinha ainda sido legalizado, era um insulto à sua posição.<sup>22</sup>

O relato de um *potlatch* tsimshiano que se realizou em 1930 ilustra o antigo princípio com alguns toques modernos. É a história do chefe da tribo gitlan e membro do clã do Lobo. Quando Gusgai'in, chefe dos gitlans, morreu, seu sobrinho anunciou que iria assumir o nome de seu tio em data posterior. Antes que isso pudesse realizar-se ele e um membro da tribo do Lobo encalharam suas lanchas entre os pilares de uma ponte. Ficaram pendurados quando a maré, que estava debaixo deles, refluxiu. Isto seria suficiente para que todo bom barqueiro ficasse humilhado, mas quando se referiram a eles com as palavras: "Vimos um Lobo pendurado debaixo da ponte", o *status* de todos os Lobos foi prejudicado.

Foi necessário um *potlatch* para reabilitar a sua posição. Trataram de realizar a cerimônia tradicional, a Festa da Primeira Neve, da família, em comemoração à bravura do chefe antepassado, Gusgai'in, cujo nome devia agora ser assumido pelo de seu descendente. Como ele tinha passado por debaixo de uma geleira ao fugir dos inimigos que procuravam capturá-lo, com sabor poético a *pièce de résistance* do banquete comemorativo devia ser uma bebida de frutas, feita de neve misturada com banha de "olachen", bagas e maçãs ácidas. Mas para acompanhar os tempos modernos, serviu-se sorvete neste *potlatch*. Um prato supercheio de sorvete, mais do que uma pessoa pudesse comer, foi colocado diante de cada participante que tinha encarnecido dos Lobos.

Empastar os convidados e depois trocar deles foi a forma de ridículo escolhida para divertir os convidados (...) Quando terminou a festa e a hilaridade, o chefe levantou-se e explicou a tradição mitológica da festa que estava sendo realizada. Agradeceu aos convidados o seu comparecimento e anunciou que, dentro de suas possibilidades, ia assumir a posição de seu falecido tio. Em seguida, La'is, o Lobo mais velho da tribo Gitlans'u, levantou-se na qualidade de representante do chefe e disse que, tendo o chefe sido tratado publicamente como Gusgai'in, este com

21. R. H. Lowie, *Primitive Society*, p. 277. Com permissão de Liveright Publishing Company.

22. Veja F. Drucker, "Rank, Wealth, and Kinship in Northwest Coast Society" (*American Anthropologist*, vol. 41, 1939), pp. 55-65. Realizam-se também *potlatches* ocasionais.

## RIQUEZA E STATUS

Há limites definidos de quantidade de bens que os coletores nômades podem levar consigo. Não é possível a estes povos acumular riqueza: não há indivíduos ricos entre eles. A posse de riqueza não é, para os primitivos mais simples, um *status* determinante de grande significação.

Entretanto, a distribuição de alimento e haveres é outro assunto. Aquilo de que se precisa para comer é comum na natureza em quase todas as sociedades de caçadores. O prestígio e a liderança acompanham os caçadores que têm comida na despensa, peles para fornecer, arcos para dar, e (entre os índios da Planície) cavalos para doar liberalmente aos amigos favoritos, visitantes em trânsito e vizinhos indigentes. Os índios da Planície reconheciam como famílias de boa posição aque-

las cujos tipis eram bem protegidos e decorados e cujos homens e mulheres mantinham suas cabanas supridas de provisões, roupas finas e vestidos bonitos; mas, sobretudo, respeitavam aqueles que davam livremente o que possuíam. A riqueza móvel dava alto *status*, como uma consequência natural. Riqueza acumulada só trazia desprezo. Isto é o que os colonizadores da fronteira dos índios não podiam entender quando os índios silenciosos apareciam à porta da cabana esperando uma porção generosa de comida.

Os sistemas de permuta recíproca não são próprios para criar distinções de riqueza: tendem à igualdade recíproca de posses. Entretanto, a *organização* da riqueza tal como é praticada pelos "Grandes Homens" na Melanésia (págs. 273-4) une as atividades econômicas e políticas na determinação do *status* (Fig. 8-2) Para se elevar aos vários graus dos importan-



FIG. 8-2 Um "Grande Homem" melanésio e seus associados. Dois homens de Chimba, ricos e poderosos, Montanhas Centrais, Nova Guiné (Foto de E. A. Hoebel.)



resta, segregado dos olhos de todas as mulheres e meninos pré-adolescentes, está "morto". Quando ele volta para o acampamento do bando, circuncidado, subincisado, e cicatrizado, com alguns dentes arrancados e com novo conhecimento da mitologia totêmica, é um homem novo.

Semelhantemente, Gerlach e Hine, nos seus estudos sobre os movimentos contemporâneos da mudança social, como o "Black Power" e o pentecostal, nota que uma característica básica é "compromisso pessoal assumido por um ato ou experiência que separa o convertido de maneira significativa da ordem estabelecida (ou de sua posição anterior nesta ordem), identifica-o com um novo conjunto de valores e o empenha em padrões modificados de comportamento."<sup>19</sup> Os ritos de transição não são coisas do passado.

### Funções dos ritos de transição

Os períodos de crise são ocasiões de incerteza crítica, quando a sorte do indivíduo ou do grupo se acha nos pratos da balança. Em tais ocasiões os indivíduos não são inclinados a deixar o resultado ao acaso ou a circunstâncias desenfreadas. As forças naturais e sobrenaturais podem ser controladas de fato e pela fé. Por isso, são empregadas técnicas positivas de assistência racional, juntamente com cerimonialismos mágicos e rituais para frustrar os poderes destrutivos e disruptivos sobrenaturais ou para estimular e invocar forças positivas e eficazes. Através do ritual e da cerimônia, lança-se uma ponte por sobre os abismos hiantes do medo e da dúvida, ponte essa que leva os indivíduos para além do estado de transição até chegarem sãos e salvos à terra firme do novo status que os espera do outro lado. A própria lei que os constitui no novo status tem também outra finalidade. Para os que dela participam e para os que a elas assistem, a cena e a cerimônia dão a certeza de que, como o neófito renasce, assim a vida e a sociedade renascerão através dos intermináveis ciclos da regeneração.

O próximo capítulo, sobre o ciclo da vida, trata com maiores detalhes dos ritos de tran-

sição encontrados no nascimento, na puberdade, no casamento e na morte.

## APTIDÕES E STATUS

Nem todos os status, realmente, estão ligados às fases biológicas do ciclo vital. A divisão do trabalho e das funções realizadas em cada cultura sempre se reflete no sistema do status das relações sociais.

Se a habilidade é uma alegria para qualquer pessoa em qualquer função apreciada pela sociedade, ela traz prestígio e alto status a quem a possui. De um modo geral, os dados antropológicos confirmam esta suposição. A proficiência numa arte qualquer geralmente traz um certo status elevado entre os povos primitivos, mas a tendência é situar esse status abaixo da bravura militar, do sobrenaturalismo, da liderança política, da acumulação de riquezas, como fonte de prestígio. Os polinésios, entre todos os povos primitivos de que se tem notícia, deram o reconhecimento mais consciente e organizado à habilidade artesanal. O *Tahanga*, ou "grande adepto", da tribo tonga da Polinésia, era profundamente venerado, quer fosse mestre em oratória, em tradições tribais, em construção de casas, ou fabricação de canoas. Somente por meio de muita mana (veja pág. 366) era possível que o indivíduo se distinguisse em alguma coisa. Todos os polinésios se impressionavam com a mana.

No outro extremo, as ocupações ligadas às castas inferiores na África, na Índia e no Japão não traziam nenhuma fama aos que as desempenhavam, por mais habilidosos que fossem. Entre os massais, um ferreiro está condenado por toda a vila à subordinação, porque tal é o status que sua cultura atribui aos ferreiros. Entre os japoneses, os *etas* formam uma casta povoada de açougueiros, ou, em alguns casos, de pescadores, cuja poluição pátria permanece sem modificação, apesar da importância de seu trabalho e de sua habilidade em realizá-lo.<sup>20</sup>

19. L. P. Gerlach e V. H. Hine, *People, Power, Change*, p. 377; veja também pp. 116-138.

20. E. Nerbeck, *Takushima*, pp. 113-114.

homens velhos, grisalhos, originou e desenvolveu a opinião do século XIX de que a condição primeira do homem era a de um jovem intimidado, frustrado pelo patriarca de cabelos brancos. Entretanto, a Austrália representa uma elaboração especial do *status* de idade de uma maneira não universalmente característica dos caçadores e coletores (ao contrário dos bosquímanos africanos e shoshones americanos).

Nas sociedades estáveis, a experiência acumulada é valiosa. Os mais velhos realmente sabem mais do que os mais jovens e o que eles sabem se confirma. Mas, nas culturas que se transformam rapidamente, como é o caso das culturas de nossos dias, em toda a parte, o conhecimento acumulado muitas vezes se torna rapidamente gasto. O que foi válido na juventude do idoso já não o é mais. A sabedoria baseada num conhecimento ultrapassado é lamentavelmente de pouca utilidade para aqueles que se apegam a ele como fonte de prestígio.

## STATUS INSTÁVEIS: RITOS DE TRANSIÇÃO

No começo deste século, Arnold van Gennep (1873-1957) publicou a clássica obra conhecida em inglês como *The Rights of Passage*.<sup>16</sup> Van Gennep demonstrou que as mudanças de *status* são freqüentemente apreendidas como situações de crise. Na transição de um *status* básico a outro, quando uma pessoa passa através de fases de desenvolvimento em sua vida, deve deixar seu *status* anterior e ser incorporada em um novo. Na fase "intermediária" (liminar) a pessoa em transição é vista, e se considera a si mesma, com angústia. Ela está deixando as funções familiares e não adquiriu ainda funções novas. Ela é imprevisível, perigosa — uma ameaça para si mesma e para seus companheiros. Daí ser, em muitas sociedades, isolada e posta de quarentena — às vezes até "morta" ritualmente. No clímax dos ritos da transição ela renasce (um neófi-

to),<sup>17</sup> como uma pessoa nova e mais amadurecida, bem instruída nas funções novas, pronta a ser reincorporada na vida da comunidade.

Para darmos um exemplo da sociedade ocidental, quando os sargentos do exército de antigamente tiranizavam os recrutas, eles não estavam sendo apenas sádicos nem estavam necessariamente desabafando frustrações pessoais. Embora os sargentos possam não ter consciência de nenhum princípio de Antropologia Funcional, sabem que os recrutas devem transformar-se e passar por um rito rápido de transição. O primeiro ato é a destruição das maneiras e dos pensamentos civis: "Você agora está no Exército." Conclui-se que ele quer significar a morte do civil, e o "sargento" é o executor. A conclusão do treinamento básico significa a ressurreição num *status* novo.<sup>18</sup>

A tortura nos ritos da puberdade de muitas tribos australianas e africanas chega a extremos de pura crueldade. Entretanto, sob esta crueldade pode-se geralmente encontrar uma racionalização funcional. Na Austrália, a circuncisão e a subincisão, operações cirúrgicas penosas e perigosas, quando realizadas friamente com facas de pedra, (Fig. 9-2), não passam de atos simbólicos que significam plenitude sexual e social dos homens num tipo de sociedade que rejeita e suprime culturalmente a significação da mulher.

Em todos os casos, a transição é o tema principal — transição do estado limitado e subdesenvolvido de infância ao do adulto dotado da sabedoria e privilégios de uma pessoa madura. Conseqüentemente, a morte e a ressurreição e os temas, que se repetem, dos ritos da puberdade que chega: a morte significa a destruição da personalidade da infância, e a ressurreição significa que a pessoa está restaurada para a comunidade em um novo *status*, com novas funções. O menino que se retira para a escola iniciatória secreta na flo-

17. Note-se que a própria palavra significa "produzir de novo" (Gr. *neos*, novo + *physis*, produzido).

18. Será altamente instrutivo ver o que acontece ao Exército dos Estados Unidos em consequência da "humanização" de seu programa de doutrinação dos novos recrutas e da execução do seu slogan de 1971, "O Exército quer jantar-se a si mesmo!" O slogan em si mesmo fracassou como meio de fazer recrutamento e foi abandonado antes do fim do ano.

16. Escrito em francês, o título original era *Les Rites de Passage* (1909). A versão inglesa apareceu em 1960.

A idade adulta significa participação plena nas responsabilidades e privilégios da sociedade. Significa casamento e paternidade e vida política, religiosa, econômica e de agremiação. Trataremos pormenorizadamente de todos estes aspectos nos outros capítulos.

Quanto aos idosos, eles sempre gozaram de *status* de respeito, reverência e privilégio em virtude dos atributos que lhes são atribuídos por causa de sua idade.<sup>10</sup> Não é apenas o fato de ser velho que traz prestígio; é a sabedoria acumulada, o saber dos mais velhos — a associação dos costumes antigos com o povo antigo. Como se disse dos índios haidas, da ilha da Rainha Charlotte, na Costa Noroeste: "Eles têm grande respeito pelos idosos, cujos conselhos na maioria dos assuntos têm grande peso".<sup>11</sup>

No mundo primitivo os anciãos são os "decanos" em política e governo, os magos e sacerdotes no sobrenaturalismo, e os donos de propriedade em alguns sistemas de organização econômica. São fontes de poder. Como tais fontes são mais próprias dos homens do que das mulheres, os anciãos geralmente têm *status* mais elevado do que as anciãs.<sup>12</sup> As posições das pessoas idosas são mais firmes nas tribos sedentárias de horticultores que entre os povos de caçadores e coletores, especialmente os que vivem no Ártico e nos seus arredores, onde as pessoas de idade não podem participar das atividades produtivas primárias de espécie alguma.

A manutenção das pessoas idosas é um luxo que muitas sociedades marginais se consideram incapazes de manter em tempos de crise. Entre os esquimós o senilicídio costumava ser prática geral. As pessoas idosas deveriam ser trancadas numa cabana de neve e abandonadas ao frio e à fome ou poderiam ser mortas por meios mais violentos, quando elas mesmas o pediam.<sup>13</sup> Entretanto, das 71 sociedades re-

gistradas por Simmons, somente duas (ambas de esquimós), se desfazem violentamente dos anciãos; sete os abandonam ou expõem aos elementos naturais para acelerar a sua morte.<sup>14</sup> Isto não significa que nessas sete sociedades todas as pessoas idosas são mortas, quando as suas forças declinam. Depende dos indivíduos e das circunstâncias.

Quase todos os observadores notam que as pessoas idosas são respeitadas nas tribos que visitaram. Somente os bosquímanos da África do Sul e os uitotos da América do Sul definitivamente não respeitam os homens idosos segundo os observadores. Oito das setenta e uma tribos estudadas por Simmons negam deferências às anciãs.

As ilhas Andaman fornecem aos antropólogos um exemplo típico da idade como determinante de *status*. O parentesco, que é tão importante na maior parte das sociedades primitivas, é aqui de certo modo emudecido. Antes:

As obrigações que uma pessoa deve a outra são determinadas muito menos pela sua relação com esta pessoa por consanguinidade e casamento do que pela respectiva idade e *status social* (...) Há muito poucas costumes especiais a respeito do comportamento para com as diferentes espécies de parentes. Em vista disso, achamos possuímos termos para denotar relacionamentos e um número considerável de termos que denotam idade e *status social*.<sup>15</sup>

As pessoas idosas têm muitos privilégios de alimentação que são negados aos jovens. Gradualmente, e com um ritual complexo, os tabus de alimento vão sendo removidos para o adolescente, até que em plena maturidade ele pode deliciar-se com todos os acepipes permitidos a seu sexo. As pessoas mais jovens devem deferência aos mais velhos em todos os campos.

Na Austrália, onde, como nas ilhas Andaman viviam alguns dos nossos povos mais primitivos, a velhice alcançava a sua maior significação — de tal modo que a organização social australiana é apelidada de gerontocracia, "o governo dos mais velhos". A dominação predominante do grupo local australiano por

10. L. Simmons, *The Role of the Aged in Primitive Society*, p. 79.

11. A. P. Niblack, *The Coast Indians of Southern Alaska and Northern British Columbia* (Board of Regents of the Smithsonian Institution, Annual Report, 1890), p. 240.

12. Simmons, *op. cit.*, pp. 47-48.

13. E. A. Hoebel, *The Law of Primitive Man*, pp. 76-79.

14. Simmons, *op. cit.*, quadro 6.

15. A. R. Radcliffe-Brown, *The Andaman Islanders*, p. 83. Com permissão de Cambridge University Press.

Quadro 8-1 — A DIVISÃO DO TRABALHO EM LESU, MELANÉSIA

Masculino	Feminino	De ambos os sexos
Preparação do campo para nova horta e construção da cerca da horta	Plantação de taro e inhame; moenda, colher e transportar a colheita para casa	
Plantação de árvores	Pegar caranguejo nos mangues	Apanhar a minhoca marinha, <i>lota</i>
Extração de sagu		
Pesca		
Caça do pecco selvagem e das filandras	Alimentar porcos domésticos	
Corte de lenha para cozinhar; fabricação de ligo; transporte de folhas para cozinhar	Buscar água	
Preparação de peccos, peixe e sagu para serem cozinhados	Preparar o taro e o inhame para serem cozinhados	
Esterrar bananas na areia		
Construção e consertos de casas	Varrer a casa e mantê-la em ordem	
Fabricação de máscaras, cascos, <i>malampens</i> , redes de pesca, dardos, enfeites	Carregar fardos pesados com exceção de peixe e porcos	Fabricação de cestos e esteiras. Tomar conta de crianças. Medicina e magia. Fabricação de "inta" para o cabelo

FONTE: H. Fowdermaker.

## STATUS E FUNÇÕES DE IDADE

De um ponto de vista biológico lato, a vida pode ser reduzida a uma simples fórmula: nascer, amadurecer, reproduzir e morrer. Entretanto, mesmo o biólogo reconhecerá que pelo menos alguns outros eventos de significação ocorrem ao longo do caminho. A humanidade enfeita o padrão fundamental.

Os *status* da idade são reconhecidos em todas as sociedades. O mínimo universal inclui pelo menos três categorias: criança, adulto e pessoa idosa, ou, respectivamente, aqueles não ainda maduros para uma participação social plena, aqueles que realizam as atividades essenciais de manutenção da sociedade e aqueles que estão além da fase de participação e responsabilidade ativas. Geralmente, os *status* de idade reconhecidos são mais numerosos. Assim, os comanches reconheciam cinco idades: criança, pré-adolescente, solteiro "valen-

te" ou menina, pessoa adulta, velho e velha. Cada idade tem a sua designação separada, específica. As criancinhas podem ser altamente valorizadas como objetos de desejo, mas nunca têm prestígio simplesmente em virtude do seu *status* como crianças. Em casos excepcionais em que as crianças gozam alto *status* e prestígio, são sempre consequência de algum outro fator especial, que não a idade, como é o caso de um príncipezinho por nascimento ou de um gênio ao qual se atribuem qualidades sobenaturais (como entre os nativos daomeanos).<sup>9</sup>

Os jovens e as pessoas de meia-idade raramente gozam de *status* estimado em virtude da sua idade como tal, embora a bravura e a riqueza possam trazer-lhes *status* e prestígio.

<sup>9</sup> M. J. Herkovits, *Dahomey*, vol. 1, pp. 263, 270-272.



## Lesu, Nova Irlanda

Sobre Lesu, uma sociedade de horticultura, pesca e criação de porcos, na Melanésia, Powdermaker escreveu: "Apegam-se à divisão sexual do trabalho tão rigidamente, que é o que primeiro chama a atenção do observador etnológico. Os homens têm uma espécie de trabalho e as mulheres, outra, e uma terceira espécie pode ser realizada por qualquer deles ou pelos dois conjuntamente."<sup>6</sup> A divisão do trabalho é apresentada no Quadro 8-1.

### Divisão sexual das funções do trabalho

Embora cada sociedade divida o trabalho dos homens e o das mulheres, o que é claramente trabalho dos homens em uma sociedade, pode ser trabalho das mulheres em outra. Como exemplos óbvios podemos notar que tecer cobertores entre os navajos é trabalho das mulheres, enquanto que entre seus vizinhos hopis, tanto fiar como tecer são ações reservadas aos homens. Na América do século XIX supunha-se que os meninos eram capazes de nadar, e as meninas, não; contudo, entre os nativos yahgans da Terra do Fogo as mulheres são as nadadoras. Entre os índios pueblos, a maior parte do trabalho de horticultura é feito pelos homens; entre os iroqueses a caça e o combate eram para os homens, mas cultivar a terra era trabalho apenas das mulheres. Entre os índios maricopas do Sul do Arizona, o trabalho de cerâmica era "uma ocupação absolutamente feminina e uma tarefa de todo o ano."<sup>7</sup> Tecer era trabalho propriamente de homens. As mulheres colhiam e descaroçavam o algodão, que era cultivado exclusivamente pelos homens, e ambos os sexos teciam os fios.

Em razão destes fatos, os antropólogos passaram a rejeitar todas as generalizações como a que afirma que as mulheres são "naturalmente" donas-de-casa ou que são mais "pacíficas" ou mais "religiosas" do que os homens. Mas a Antropologia também estabeleceu que em todo mundo certas espécies de atividades

são consistentemente atribuídas aos homens e outras espécies às mulheres. Em três quartos de todas as sociedades, as tarefas de colher alimento e combustível, moer grãos e sementes, preparar provisões para guardar, tecer, trabalhar em cerâmica, em cestos e esteiras, tudo isto é atribuído às mulheres. Todos estes trabalhos, exceto a coleta de provisões, podem ser realizados nas proximidades imediatas do fogo e das crianças recém-nascidas.

### Distribuição mundial da divisão de trabalho por sexo

A caça por outro lado, é um trabalho exclusivamente masculino em todas as sociedades constantes do *Ethnographic Atlas* de Murdock, exceto no Sião (agora Tailândia). A pesca é em grande parte, mas não com exclusividade, uma atividade masculina (em 84% das 717 sociedades nas quais a pesca contribui para a subsistência). Pastorear o gado no Velho Mundo é quase exclusivamente uma atividade reservada aos homens, porém não se nota nas outras partes do mundo uma divisão clara de trabalho por sexo com respeito às outras espécies de animais domesticados.

A participação de homens e mulheres na horticultura e na agricultura varia de região a região. As mulheres predominam na horticultura, abaixo do Saara, na África. Em volta do Mediterrâneo os homens realizam a maior parte da agricultura com o arado. Na Ásia homens e mulheres trabalham lado a lado na agricultura, enquanto que nos Mares do Sul as responsabilidades da horticultura são assumidas por mulheres numa base de um terço, por homens na razão de um quinto, e por ambos os sexos em quase metade das sociedades.<sup>8</sup>

Em suma, a posição antropológica é que certos comportamentos ligados ao sexo têm base biológica, embora sujeitos a modificações culturais dentro de limites. As funções em qualquer sociedade devem ser observadas empiricamente e registradas objetivamente.

6. H. Powdermaker, *Life in Lesu*, p. 161.

7. L. Spier, *Human Tribes of the Gila River*, p. 104.

8. E. Bourguignon e L. Gessenbaum, *Diversity and Homogeneity*, p. 12.

Como cada pessoa tem múltiplos *status*, manifesta também muitas funções diferentes. Um professor casado comporta-se com sua família (funções de marido e pai) de maneira diferente como age na sala de aula, (função de professor). O mesmo, se for bombeiro voluntário. Comporta-se muito diferentemente quando está ocupado com suas atividades de "maníaco do fogo", quer combatendo um incêndio, quer em outra atividade de natureza social. Em ocasiões diferentes, portanto, revelam-se funções diferentes. Diversas funções podem ser realizadas simultaneamente, mas a intensidade com que são realizadas varia.

As vezes, funções podem ficar em estado latente ou inativadas. Um índio pueblo, enquanto cultiva seu campo, mantém suas funções de dança como membro de uma sociedade religiosa secreta em estado latente. As funções de uma pessoa poderão estar ligadas a um guarda-roupa do qual se escolhe a roupa apropriada para diferentes ocasiões, que exigem frequentes trocas. As funções são, portanto, latentes, exceto quando estão sendo ativadas ou manifestadas.

### Status sexuais e funções

A dicotomia de sexo é um fato biológico sobre o qual são construídos os *status* determinados culturalmente. Não está estabelecido com certeza o que é biológico e o que é cultural nas diferenças de sexo para todos os tipos de atividades. É verdade que certas funções fisiológicas estão ligadas ao sexo. As mulheres produzem óvulos, enquanto os homens produzem esperma. As mulheres têm órgãos sexuais especializados para alimentação e incubação dos óvulos fertilizados; os homens não têm. As mulheres são capazes de dar à luz; os homens não o são. O *Homo sapiens* é um animal biosexual cujas funções reprodutoras básicas são biologicamente fixas. Enquanto as crianças nascerem de mulher, os *status* diferenciais de macho e fêmea serão reconhecidos e terão repercussões culturais. Acontecerá a revolução social real quando as técnicas aperfeiçoadas biogenéticas tornarem possíveis a fertilização e a incubação do óvulo humano fora do útero.

Esta mesma possibilidade impressionante, porém, será evidentemente superada em favor do *espasmo clônico*. Neste processo todo um novo organismo se originará de uma célula simples de um organismo já existente. O novo indivíduo será uma réplica genética exata do genitor, porque toda célula normal do corpo contém o código genético para todo o organismo dentro do seu núcleo. A reprodução humana será então realizada sem intervenção do sexo. Não haverá mais a necessidade biológica de macho e fêmea. O sexo será obsoleto, e assim, com toda probabilidade haverá diferenças de *status* entre homens e mulheres. Biólogos responsáveis, como J. B. S. Haldane e Lorde Rothschild vêem o espasmo clônico como uma realidade, num futuro muito próximo.<sup>4</sup> Entrementes, cada sociedade designa funções diferentes para homens e mulheres, como nos exemplos seguintes.

### Pueblo San Ildefonso

Em San Ildefonso há um limite nítido entre o trabalho dos homens e o das mulheres e entre as atitudes respectivas dos sexos diante do trabalho de cada um. O trabalho dos homens em geral tende a ser cooperativo. As valas são cavadas pela comunidade masculina na primavera; os campos são cuidados como um trabalho de grupo (...). Entre as mulheres, pelo contrário, o trabalho tende a se tornar competitivo; as mulheres raramente realizam qualquer uma das suas atividades em grupo (...). Tecnicamente, pelo menos, as mulheres desempenham funções comparativamente inferiores. Os homens de San Ildefonso executam trabalhos que em qualquer outra parte são frequentemente tarefas das mulheres. Seu campo especial é chamado "trabalho externo". Tradicionalmente caçam, curtem as peles dos animais que matam, cortam e costuram mocassins para si e para as mulheres, confeccionam cestos, tecem e criam seus próprios costumes de dança (...). Os homens cultivam os campos e as hortas, plantam e colhem, cortam e transportam a lenha para queimar. Dentro da própria aldeia, consertam as casas, tomam conta dos kivas, limpam o pátio antes das festas e das danças (...). O trabalho das mulheres é "interno. Elas tomam cuidado da casa, moem o trigo, cozinham e tomam conta das crianças. Fazem a louça e as costuram, e, se não houver homens na família para decorá-la, as mulheres podem decorar a sua própria louça."<sup>5</sup>

4. Veja G. R. Taylor, *The Biological Time Bomb*, pp. 22-38. Veja também pp. 416-417.

5. W. Whiteman, *The Pueblo Indians of San Ildefonso*, pp. 99-100. Com permissão de Columbia University Press.



FIG. 1-1 Um chefe daoméano e consorte, em bronze fundido. O chefe real usando um chapéu e vestimentas oficiais, passa à vontade numa rede, fumando seu cachimbo, cercado dos carregadores de sua parafernália real. (Smithsonian Institution.)

Por outro lado, as vantagens dos sistemas sociais que enfatizam os **status** atribuídos estão na tensão e ansiedade reduzidas dos membros participantes da sociedade. A insegurança competitiva é presumivelmente reduzida. Evita-se frustração provocada pelo fracasso de conseguir um **status** desejado ardentemente.

Quando os sistemas de **status** atribuídos começam a perder a sua autoridade, as pessoas em **status** de acentuada incapacidade social começam a aspirar **status** conseguíveis, a frustração delas e a ansiedade daquelas que estão nas posições atribuídas ameaçadas tornam-se agudas e difíceis de tolerar, como vemos nas relações inter-raciais e de classes sociais em muitas partes do mundo de hoje.

### Hierarquia do **status**: posição

O sistema de **status** de toda sociedade implica também certa posição. Mas, deve-se notar, **status** e posição não são a mesma coisa. "Status" é um termo neutro que se refere somente à posição. "Posição" refere-se ao **status** hierárquico — mais alta ou mais baixa, com referência aos outros **status**. A ordem da posição de uma sociedade é seu sistema de gradações de **status**. Um **status** elevado é aquele que dá prestígio, isto é, as atitudes associadas com ele são atitudes de deferência, reverência, submissão e subordinação por parte daqueles de **status** inferior. O prestígio traduzido em ação significa poder

— a capacidade de influenciar ou orientar o comportamento de outros. Um **status** baixo dá pouco prestígio; há pequena capacidade de poder associada com ele.

A escala na ordem da posição será mais ampla ou mais reduzida dependendo das disparidades das estruturas do poder formadas pela cultura. Nas sociedades simples democráticas de caça e coleta, como a dos esquimós, a escala é reduzida. Nas sociedades complexas, organizadas em classes, como a dos yorubas, a distância entre o escravo e o rei é grande.

### NATUREZA DA FUNÇÃO

**Função** é o complexo consuetudinário de comportamento associado com o **status** particular. Cada indivíduo é, de certo modo, um afetado. Todos são atores porque a vida na sociedade é desempenho de papéis.

A ordem "Seja você mesmo" não significa o que soa. Significa realmente: "Suprema a consciência que você tem das funções que deve interpretar." O comportamento humano é "natural", é livre de afetação, somente quando os indivíduos se habituaram a todas as suas funções, de modo que não têm consciência delas enquanto as realizam. As crianças recém-nascidas, nas suas primeiras horas, não têm funções adquiridas como complementos de seus **status**. Também, ninguém espera muito delas.

## Status atribuído e conseguido

Os **status** que um indivíduo possui são conseguidos de vários modos. Podem ser buscados por meio do domínio competitivo, que se conseguiu, através de grandes esforços, das funções ligadas aos vários **status**. Esses **status**, na terminologia sugerida por Linton, são chamados de *conseguidos*.<sup>1</sup> Maclver chama-os de *determinantes funcionais* da posição social.<sup>2</sup> Outros **status** são transmitidos aos indivíduos em virtude de características biológicas inatas, como sexo, idade e raça ou por afinidades sociais preexistentes, como os **status** dos pais e parentes e as associações involuntárias dentro das quais o indivíduo nasce. Esses **status** são *atribuídos* ao indivíduo pelo sistema social e pouco se pode fazer para escapar-se deles ou modificá-los.

É importante notar que os **status** conseguidos são obtidos somente tendo-se dominado primeiro as funções. Como Barton observou a respeito dos kalingas do Norte de Luzon (Filipinas): "A elevação a uma classe e poder na comunidade é o processo gradual de emergência no qual o poder é atingido antes de a posição ser reconhecida pelo povo."<sup>3</sup> Quando a função é finalmente dominada, o **status** decorre naturalmente deste fato. Um mestre caçador deve primeiro ser mestre em caçar.

No caso de **status** atribuídos, por outro lado, o **status** vem primeiro e as funções são dominadas subsequentemente. É mesmo possível herdar-se um **status** sem o domínio das funções. Logo, surgem reis que não agem como reis; nobres, como nobres; senhoras, como senhoras.

As distinções do **status** atribuído baseadas em idade, sexo e estado pré-marital, maternidade e parentesco são os fundamentos universais da estrutura social humana.

Os critérios do **status** conseguido, comuns a todas as sociedades, são os baseados em habilidade tecnológica ou artesanato (todos os povos fabricam instrumentos), no sobrenaturalismo (todos os povos têm pessoas que se dedicam especificamente a práticas mágico-

religiosas), no estado conjugal, na fecundidade e na liderança política.

Os **status** atribuídos não-universais incluem ocupações determinadas segundo casta, sobrenaturalismo herdado, posse de riqueza herdada, posse de várias heranças e parafernália religiosas e sociais herdadas, e posição política herdada (isto é, a realeza). (Fig. 8-1).

Os **status** conseguidos não-universais incluem os que se baseiam em habilidades de caça, na destreza em jogos e danças, na bravura e estratégia na guerra, na capacidade de dirigir a caça, na aptidão de contar estórias, na posse ou distribuição da riqueza, na mutilação corporal, e filiação em várias associações especializadas. (Esta lista não é exaustiva.)

A importância funcional de todos estes diferentes **status** baseia-se no fato de eles limitarem e influenciarem o grau e a orientação da participação cultural e o modo e o *quantum* de interação dos indivíduos e dos grupos. Nenhuma pessoa isolada manifesta jamais todas as características comportamentais de uma cultura particular porque, por uma razão qualquer, nenhuma pessoa jamais revela todos os **status** existentes na cultura.

Quanto maior for o número de **status** conseguidos numa cultura, tanto maior a oportunidade de participação plena (potencialmente, pelo menos) de todos os membros. Quanto mais extensivos e rígidos forem os **status** atribuídos tanto mais reprimidos serão os indivíduos nas suas funções, prescritas culturalmente.

As culturas que enfatizam o **status** conseguido são marcadas por mobilidade social interna, luta social e (em geral) pela competição e individualismo. Enfatiza-se a "auto-realização" e a auto-afirmação, como na sociedade americana contemporânea. O ganho social é idealmente uma eficiência final maior, porque as pessoas capazes não são barradas na realização efetiva das capacidades para as quais têm verdadeira aptidão. Pelo contrário, os sistemas de castas e classes rígidas são um desperdício social porque atribuem funções a pessoas que não estão necessariamente bem preparadas para realizá-la e ao mesmo tempo tiram a possibilidade das pessoas aptas.

1. R. Linton, *The Study of Man*, pp. 113-114.

2. R. M. Maclver, *Society*, pp. 76-79.

3. R. F. Barton, *The Kalinga*, p. 148.



xuais, particularmente a estabilização do casamento, o sustento e a enculturação dos filhos, as atividades econômicas do lar, o estabelecimento e a manutenção da ajuda mútua entre grupos de parentes e a legalização da herança. As instituições religiosas centram-se na conceituação do sobrenatural, na formulação do ritual eficaz para tratar com o sobrenatural, e a representação simbólica do todo social. Todas as instituições dentro de uma sociedade se sobrepõem e se entrelaçam. Por isso é que enfatizamos os termos "centralizar-se" e "centrar-se" ao estabelecermos os interesses centrais e as metas de determinados tipos de instituições. As instituições estão longe de se excluírem umas das outras.

### As cartas das instituições

A carta de uma instituição consta de "declarações" que expliquem por que a instituição existe e para que finalidade. Os mitos, as lendas, as crenças e os julgamentos dão santidade e autoridade às opções e aos compromissos feitos por uma sociedade; declaram por que as coisas existem, como existem, e por que elas devem ser como são, e declaram por que os indivíduos devem empenhar-se para alcançar as metas como elas são apresentadas.

As cartas institucionais, os *status* sociais, e as funções sociais podem ou não ser explicitamente declaradas em qualquer cultura. Muitos deles não o são; estão implícitos na ação consuetudinária ou normalizada.

A arte simbólica, a música, o ritual e a dança expressam e reforçam com sobretons emocionais os relacionamentos estruturais entre as pessoas e os grupos que constituem as instituições.

### O pessoal das instituições

Todas as instituições têm pessoal. As instituições representam a estabilidade e a ordem estabelecida pelo passado tradicional; entretanto, elas só existem na ação presente — no comportamento das pessoas em suas respectivas funções. Os grupos de pessoas que

desempenham as funções de qualquer instituição constituem seu pessoal. Os grupos organizados institucionalmente nas sociedades pré-letradas são reconhecidos como *grupos de parentesco* (família, família ampliada, ramo, linhagem, clã, fratria — unidade tribal constituinte de uma tribo com base em descendência unilateral) ou *associações* (grupos etários, clubes e associações, cultos, corporações, grupos de trabalho, grêmios e o Estado). O pessoal de uma associação consta de *membros e pessoas especializadas* (funcionários ou oficiais).

## A NATUREZA DO STATUS

O *status* de um indivíduo é uma posição social com referência aos outros membros da sociedade, enquanto determinada por um conjunto de atributos ou a soma generalizada de todos os seus atributos. Assim, toda pessoa tem numerosos *status* simultaneamente. Cada indivíduo tem, no sentido mais específico e mais estrito, tantos *status* quantos são as características conhecidas do indivíduo na cultura. Estas características são idade, sexo, traços corporais e experiências sociais específicas e filiações. No nível seguinte de abstração, o indivíduo tem os *status* mais comumente conhecidos, que derivam da posse de certas combinações de traços. Por exemplo: a sabedoria, a coragem, a cortesia, a generosidade e até a serenidade que caracterizava o chefe de paz dos índios das Planícies. Finalmente, cada pessoa pode ter a espécie generalizada de *status* que costuma chamar-se de *status* "social". Esta última espécie de identificação de *status* exige uma estereotipagem geral dos indivíduos. Emprega um pequeno número de critérios óbvios para lançar as personalidades individuais numa classe indiferenciada. A primeira espécie de identificação de *status*, pelo contrário, requer conhecimento de numerosos atributos do indivíduo, e assim leva a uma preocupação maior com a unicidade da sua personalidade.

Por isso devemos ter em mente que o *status* pode ser específico ou generalizado e que existem vários graus de generalização.